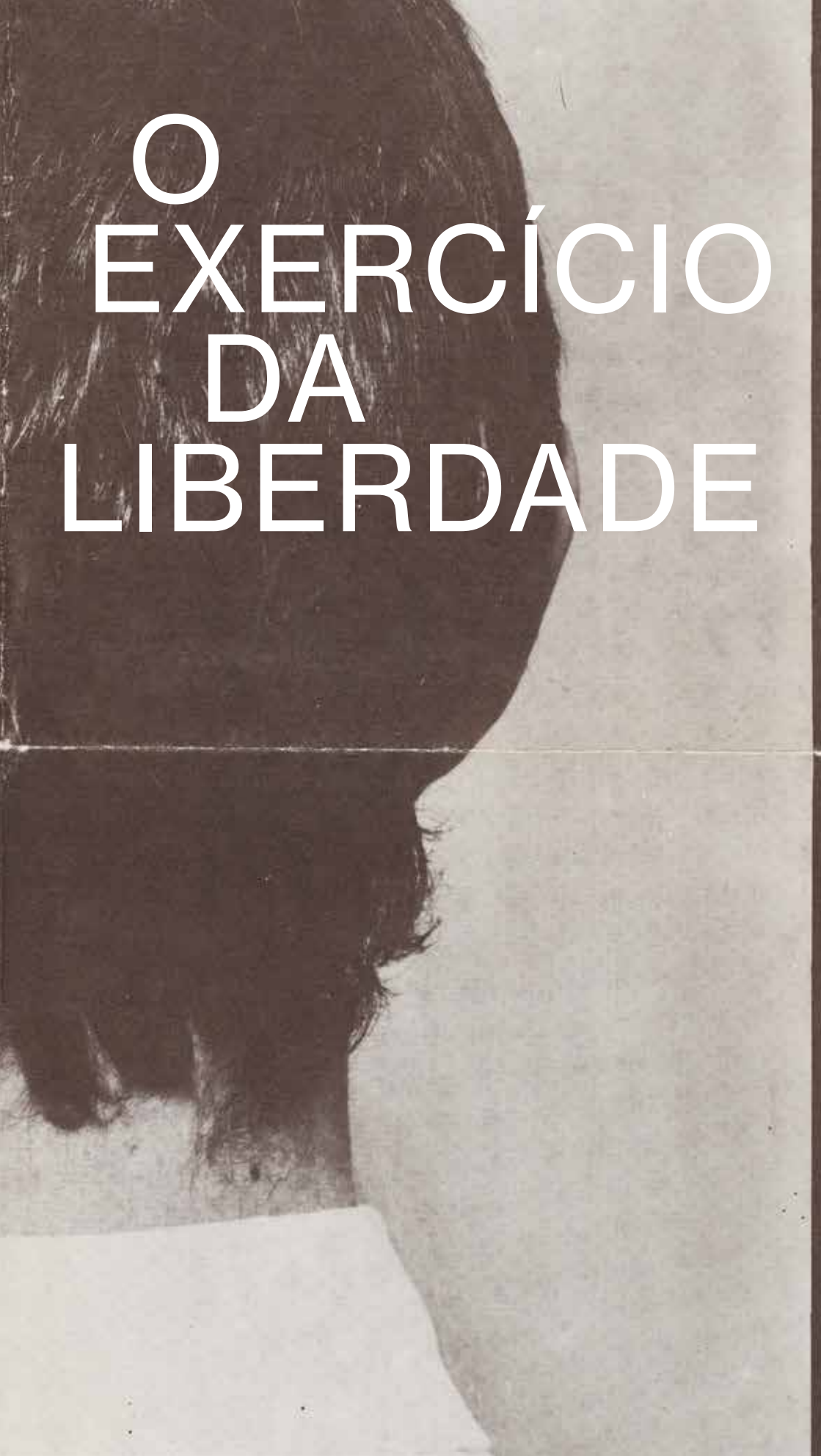




O EXERCÍCIO DA LIBERDADE

A Fundação de Serralves apresenta uma exposição coletiva que se desenvolve em torno da liberdade enquanto força motriz da criação artística. Reunindo obras da Biblioteca e da Coleção de Serralves, a exposição apresenta trabalhos de artistas que questionam os limites impostos à liberdade individual e coletiva, política e artística, celebrando atos de emancipação, irreverência e subversão de diferentes formas de controlo.

O EXERCÍCIO DA LIBERDADE

OBRAS DA COLEÇÃO DE SERRALVES

Ana Hatherly
António Costa Pinheiro
Ben Vautier
Cildo Meireles
Danh Võ
David Goldblatt
E. M. de Melo e Castro
Fernando Lanhas
General Idea
Gretta Sarfaty
Guerrilla Girls
James Lee Byars
João Dixo
John Baldessari
Joseph Beuys
Lisa Santos Silva
Maria Helena Vieira da Silva
Martha Rosler
Oficina Arara

Patrícia Garrido
Sanja Iveković
Thomas Schütte

Col. Ivo Martins
Col. privada em depósito na
Fundação de Serralves
– Museu de Arte
Contemporânea
Coleção da Fundação de
Serralves
Coleção particular em
depósito na Biblioteca da
Fundação de Serralves
– Museu de Arte
Contemporânea
Livros e edições de artistas



Ursula Zangger, preparação da exposição *Pinturas anuladas* de João Dixo, na casa-atelier de Jaime Isidoro, Valadares, 1973. Digitalização a partir de película de médio formato.

Ursula Zangger, preparing the exhibition Pinturas anuladas by João Dixo at Jaime Isidoro's home-studio in Valadares, 1973. Digitised from medium-format film.

João Dixo

15044 de 70, 1972–73

Tinta de spray, óleo sobre aglomerado de madeira, moldura

Spray paint, oil on wood chipboard, frame

No âmbito das comemorações dos cinquenta anos da democracia em Portugal, a Fundação de Serralves apresenta, no Museu Leopoldo de Almeida, nas Caldas da Rainha, uma exposição que se desenvolve em torno da liberdade enquanto força motriz da criação artística. Originalmente concebida por Joana Valsassina, a exposição é agora reconfigurada para um novo contexto expositivo. A mostra reúne obras da Coleção de Serralves e propõe uma reflexão sobre as múltiplas formas como os artistas têm explorado, questionado e exercido a liberdade através das suas práticas. A exposição apresenta trabalhos de artistas que questionam os limites impostos à liberdade individual e coletiva, política e artística, celebrando atos de emancipação, irreverência e subversão de diferentes formas de controlo.

O *exercício da liberdade* está, de facto, na génese da prática artística, surgindo de mãos dadas com a criatividade e a imaginação. Em teoria, esta exposição poderia, então, abarcar toda e qualquer manifestação artística e, por isso, toma como mote a celebração do 50.º aniversário da revolução de 25 de Abril, mas não é limitada a expressões artísticas associadas a este importante momento da nossa história, apresentando obras de diferentes tempos, geografias e disciplinas. Os trabalhos que povoam esta exposição provêm de origens muito distintas, de Portugal ao Vietname, da Croácia à África do Sul e ao Brasil, e cobrem mais de cinco décadas, desde o final dos anos 1960 até aos dias de hoje. Refletindo a diversidade disciplinar característica da arte contemporânea, a exposição integra variadas práticas, incluindo pintura e escultura, fotografia e desenho, vídeo e performance, pequenos objetos e grandes instalações, cartazes e postais, registos de ações e até de sonhos.

O título da exposição remete para o campo da ação, mais do que para uma mera reflexão sobre o conceito de liberdade: falamos do seu exercício porque há que praticá-la, experimentar os seus contornos sinuosos e questionar os limites que lhe são impostos. Depois de meio século de liberdade, será possível esquecer o que significa viver na sua ausência?

I. A liberdade e o seu contrário

A exposição começa precisamente com um conjunto de obras que evocam a privação de liberdade. O primeiro núcleo revela gestos de repressão e insubmissão. O poema visual *Silêncio* (1970) do poeta e artista E. M. de Melo e Castro (Covilhã, 1932 – São Paulo, 2020), aparentemente inofensivo e efetivamente silencioso, terá sido proibido pela Comissão de Censura em quatro ocasiões distintas¹, revelando-se um testemunho notável do potencial revolucionário da arte.

Ana Hatherly (Porto, 1929 – Lisboa, 2015), outra figura incontornável da poesia experimental portuguesa², realizou dezenas de desenhos da série à qual pertence *Escritor* (c. 1972), num período de enorme “desânimo [e] revolta” face ao sistema político e cultural instituído, surgindo enquanto “representação necessária de um estado de repressão prolongada”. Nas linhas sinuosas e ilegíveis de um destes desenhos, a artista inscreve o seu lamento:

as palavras descem por sobre a face do poeta
como cortinas de água que se fecham sobre
a face horrorizada do poeta. o poeta está
dentro do lado de dentro ou então fora. o
símbolo desce sobre a face descoberta. a face
da descoberta. sento-me na minha pequena
caixa de vidro que é a página que me isola e
me expõe. as palavras ao poeta surgem sobem
descem sobretudo nascem. exasperante a
lentidão da mão. escrevo tudo isto ilegivelmente
porque escrevo o acto de escrever a
experiência de o exprimir sem exprimir. isto é
tentando isso. descem mil escritas. por onde
descem? surgem da ilegibilidade. dum lado leis
doutro leis. tudo são regras a transgredir.³

Em *A cabra não é cega* (1976), apresentada na histórica exposição *Alternativa zero*, organizada por Ernesto de Sousa em 1977, Lisa Santos Silva⁴ (Porto, 1949) recorre à fotografia para abordar criticamente a condição das mulheres numa sociedade marcada por profundas desigualdades. Nas imagens, a artista surge vendada e com a mão sobre a boca, numa alusão explícita aos mecanismos de silenciamento e exclusão que limitaram a participação feminina na esfera pública. O título da obra introduz uma dimensão de

provocação e resistência, recusando a ideia de passividade associada às mulheres e afirmando, pelo contrário, a consciência da sua própria condição. Entre contenção e insubmissão, a obra convoca uma reflexão sobre a liberdade enquanto processo de emancipação e conquista.⁵

Encerrando o primeiro núcleo da exposição, os desenhos de Thomas Schütte (Oldenburgo, 1954) que compõem a série “*Criminali / 7 Portraits*” [*Criminosos / 7 Retratos*] (1992) guardam várias oposições. Apesar de o artista os apresentar enquanto registos prisionais de criminosos, os desenhos são, na verdade, retratos de pessoas anónimas com que Schütte se terá cruzado na rua e desenhado de memória. Comprometido com o papel social da arte e com o questionamento das convenções que a regem, Schütte convida a uma reflexão sobre as políticas de representação, subvertendo aqui a função tradicional do retrato enquanto género artístico de glorificação, reservado apenas a ilustres e poderosos.

¹ Entrevista de Ernesto de Sousa a E. M. de Melo e Castro no contexto da exposição *Concepto incerto* na Galeria Buchholz, Lisboa, transmitida no programa *Encontro* da RTP, a 3 de julho de 1976.

² Movimento de vanguarda do início da década de 1960 em Portugal, associado a uma tendência internacional de transformação artística e literária que se insurgia contra os constrangimentos narrativos do cânone literário e propunha uma livre experimentação das potencialidades visuais, fonéticas, espaciais e matéricas da linguagem, enquanto forma de expressão poética e artística. Sobre o movimento PO.EX e os seus antecedentes, consultar a brochura da exposição *As palavras em liberdade: E. M. de Melo e Castro — O artista e a sua coleção*, Fundação de Serralves, 2022.

³ Ana Hatherly, “Auto-biografia documental”, *Obra Visual 1960–1990*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1992, p. 85.

⁴ As fotografias estão carimbadas com Lisa Chaves Ferreira, nome com que assinava na altura. Acabou por optar pelo seu nome de solteira: Maria Elisa Caravana dos Santos Silva.

⁵ Susana Lourenço Marques, José Luís Neves e Luís Pinto Nunes (eds.), *Portugal Ano Zero: Livros de Fotografia da Revolução*, Porto: Pierrot Le Fou, 2025.



II. Livre circulação

O segundo núcleo da exposição é dedicado ao trabalho de artistas que partilham um manifesto compromisso político e espírito democrático, entrosando nas suas práticas temas prementes da esfera pública que condicionam a vida em sociedade. É apresentado um conjunto diverso de múltiplos e edições em diferentes formatos, produzidos em série e distribuídos em circuitos distintos, contrariando a tendência elitista do mercado da arte e contribuindo para a sua aproximação ao quotidiano de um público alargado.

Trabalhos desta natureza assumem com frequência a forma de cartazes, ora reproduzindo obras emblemáticas de artistas como Maria Helena Vieira da Silva (Lisboa, 1908 – Paris, 1992) cuja imagem e palavras de ordem marcaram o fim da ditadura em Portugal; ora concebidos propositadamente para ocupar as ruas, apropriando o espaço público enquanto espaço de intervenção e resistência, como é o caso dos cartazes produzidos pela Oficina Arara (Porto, 2010). Por vezes, os múltiplos tomam a forma de objetos, como a proveta graduada de Joseph Beuys (Krefeld, 1921 – Düsseldorf, 1986) que mede o crescimento de uma rosa, imagem simbólica da transformação gradual da sociedade através da prática criativa que professava o artista; ou as garrafas de Coca-Cola em que Cildo Meireles (Rio de Janeiro, 1948) gravava mensagens subversivas, alusivas à ditadura militar brasileira e à sociedade de consumo, que circulavam depois de recolhidas e revendidas pela empresa multinacional. Os postais e selos criados pelos coletivos Guerrilla Girls (Nova Iorque, 1985) e General Idea (Toronto, 1967-1994) assentam também na distribuição alargada própria destes formatos para veicular mensagens de teor político centrais às suas práticas.

Lisa Santos Silva

A cabra não é cega, 1976

C-Print e carimbo (2 elementos)

C-Print and stamp (2 elements)

Por outro lado, a artista Sanja Iveković (Zagreb, 1949) apropria uma imagem amplamente difundida nos meios de comunicação oficiais da República Socialista da Jugoslávia para nela imprimir um subtil gesto de resistência perante o regime repressivo que marcou a região durante quatro décadas. A artista intervém sobre uma fotografia da visita do Presidente Josip Tito a Zagreb, em 1979, destacando um conjunto de varandas do edifício que surge em plano de fundo, onde se distinguem moradores em pé, contrariando as diretivas de segurança ditadas pelo governo.

Nascido no Vietname em 1975, o artista Danh Võ deixou o país com a sua família ainda em criança, fugindo da guerra numa embarcação construída pelo pai, que, embora tivesse como destino os EUA, foi encontrada por um cargueiro dinamarquês – um acaso que levou a família a emigrar para a Dinamarca, onde lhes foi concedido asilo e cidadania. Vivendo hoje entre Berlim e a Cidade do México, Võ tem uma perspetiva singular sobre questões de identidade, migração e pertença. Nesta exposição são apresentadas duas obras da sua mais célebre série, “We the People” [Nós, o Povo]⁶ (2011), que parte de uma réplica à escala real da superfície da Estátua da Liberdade, fragmentada e dispersa por coleções em todo o mundo, evocando a fragilidade do conceito que o icónico monumento pretende personificar. No caso de *Ingots* [Lingotes] (2012), o artista funde um dos fragmentos de cobre em lingotes, idênticos a barras de ouro, mas sem o seu brilho particular, tecendo um comentário aos condicionalismos da circulação da arte e à sua dependência do mercado e da acumulação de riqueza.

David Goldblatt (Randfontein, 1930 – Joanesburgo, 2018), notável fotógrafo conhecido pelo seu olhar franco sobre a sociedade sul-africana, produziu a série “Particulars” [Particularidades] em 1975, em pleno regime do *apartheid*. Aparentemente distanciadas da brutalidade do quotidiano da época, estas imagens focam-se em pormenores de corpos de diferentes pessoas que ocupam o espaço público, retratando o posicionamento de mãos, torso, pernas ou pés. Apesar de inicialmente ter procurado desenvolver um corpo de trabalho lírico, isento de implicações políticas, o artista rapidamente compreendeu como o regime de segregação e opressão racial surge espelhado nos gestos mais naturais⁷, na forma como alguém segura a sua carteira ou se senta num banco de jardim. Neste contexto de segregação racial institucionalizada, os planos aproximados de “Particulars” expõem os mais íntimos e mais amplos sinais de desigualdade e repressão, estatuto e privilégio.



David Goldblatt

Woman smoking, Fordsburg, Johannesburg (From the 'Particulars' series), 1975–2007
C-Print

⁶ Famosas palavras que dão início ao preâmbulo da Constituição dos EUA.

⁷ Entrevista a David Goldblatt acerca da série “Particulars”, disponível em: steidl.de



Martha Rosler
Semiotics of the Kitchen, 1975
 Vídeo, p/b, som, 4:3, 5'25"
Video, b/w, sound, 4:3, 5'25"

III. É proibido proibir

O famoso aforismo *Il est interdit d'interdire!*, que terá surgido como provocação, em tom jocoso, para rapidamente se tornar uma máxima do movimento contestatário francês do Maio de 1968, serve de mote ao terceiro e último núcleo da exposição, centrado no trabalho de artistas para quem a irreverência, o humor e a imaginação são profundamente consequentes. Com astúcia e atrevimento, espírito autocrítico e utópico, estes artistas questionam os constrangimentos de normas sociais vigentes e de qualquer limite imposto à criação artística.

As obras de Gretta Sarfaty (Atenas, 1947) e Patrícia Garrido (Lisboa, 1963) exibidas na exposição celebram a sexualidade e o prazer femininos com audácia e humor. Desde a década de 1970, Sarfaty tem explorado a deformação da imagem do seu corpo enquanto lugar de transmutação, investigação exemplarmente ilustrada no tríptico que aqui se apresenta. Rejeitando a iconografia canónica do corpo feminino, perpetuamente objetificado e subjugado pelo olhar masculino, Sarfaty e várias artistas da sua geração reclamam para si o poder de representação e ativação do seu corpo como meio de expressão artística, como agente criativo e político. As esculturas de Patrícia Garrido intituladas *O prazer é todo meu* (1994) são modeladas em espuma para se adaptarem ao corpo da artista, sendo revestidas a silicone e poliéster nos tons rosados que lhes conferem o seu aspeto lascivo e carnal. São esculturas intrigantes que aparentam ter um uso, porque, mais do que “negativos de um corpo”, são objetos de prazer.

Martha Rosler (Nova Iorque, 1943) rejeita os estereótipos normativos impostos à identidade de género, subvertendo os papéis sociais tradicionalmente prescritos à mulher e ao homem. No seu célebre filme *Semiotics of the Kitchen* [Semiótica da cozinha] (1975), Rosler, artista da geração de Gretta Sarfaty, ridiculariza os populares programas culinários transmitidos na televisão, demonstrando com gestos violentos e bizarros a utilização de diferentes utensílios de cozinha.

A definição de arte, dos seus contornos, propósitos e limites, tem sido perpetuamente debatida e rebatida, sobretudo pelos seus próprios criadores. Questionar e reinventar a matéria-prima da arte tem entretido artistas há gerações, como é notório na obra de João Dixo (Vila Real, 1941 – Coimbra, 2012). Em 1973, o artista apresenta na Galeria Alvarez, no Porto, a exposição *Pinturas anuladas*, momento determinante do seu percurso artístico. Sobre um conjunto de pinturas apresentadas anteriormente em diferentes contextos, incluindo durante a sua formação na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, Dixo realiza um gesto performativo de anulação, marcando-as com traços em forma de X executados com *spray* prateado, preto e vermelho. Este não se tratou de um gesto de renegação das suas obras, mas sim da sua reativação e recontextualização da sua pintura enquanto objeto.⁸ Esta ação provoca o questionamento da obra e do papel do artista, colocando o próprio contexto da produção artística em causa. A linguagem surge também como suporte usual para gestos de emancipação e provocação, seja sobre a forma de manifestos, poemas, máximas ou diretivas, como exemplificam as obras de Ben Vautier (Nápoles, 1935), John Baldessari (National City, 1931 – Los Angeles, 2020) e James Lee Byars (Detroit, 1932 – Cairo, 1997), que se apoiam no humor e no absurdo para demonstrar que a arte é, afinal, o que o artista assim entender.

Porém, questionar figuras e estruturas de poder também significa pôr em causa a autoridade do artista enquanto génio criativo. É precisamente invocando o universo da imaginação que termina *O exercício da liberdade*, com o sonho utópico de Fernando Lanhas (Porto, 1923–2012) e as fabulações cósmicas de António Costa Pinheiro (Moura, 1932 – Munique, 2015), seguindo o lema que este artista visionário crivou em várias das suas fantásticas obras: “A imaginação é a nossa liberdade.”⁹

⁸ Paula Pinto, *João Dixo: Exposição cancelada*, Porto: Edições Afrontamento, 2019, p. 125.

⁹ Carimbo com a inscrição “L’imagination est notre liberté” utilizado pelo artista em diversas obras da série na qual se integram os trabalhos apresentados nesta exposição.



Gretta Sarfaty

Transformations II, 1977

Óleo sobre papel sobre tela sobre madeira (5 elementos)
Oil on paper on canvas on wood (5 elements)

LISTA DE OBRAS
ARTWORK LIST

Ana Hatherly

Escritor, c. 1972
Tinta da China sobre papel
Aquisição, 1999
35,5 × 25,5 cm
Indian ink on paper
Acquisition, 1999
Inv. no. FS 0647

António Costa Pinheiro

Universonaut Raumschiff, c. 1971
Plástico, acrílico, alumínio
Aquisição, 2009
17 × 10 × 20,5 cm
Plastic, acrylic, aluminium
Acquisition, 2009
Inv. no. FS 1749

António Costa Pinheiro

Universonauta no planeta das poeiras cósmicas, 1971–73
Óleo sobre tela
Aquisição, 2009
150 × 200,8 cm
Oil on canvas
Acquisition, 2009
Inv. no. FS 1748

Ben Vautier

L'art est inutile, 1968
Letterpress sobre papel
Aquisição, 2004
Letterpress on paper
Acquisition, 2004
Inv. no. BIB 14268

Cildo Meireles

Inserções em circuitos ideológicos – projeto Coca-Cola, 1970
Vidro, metal, Coca-Cola (3 elementos)
Doação do artista, 2000
24,5 × 7 × 7 cm (cada uma de 3 garrafas)
Glass, metal, Coca-Cola (3 elements)
Artist's donation, 2000
24,5 × 7 × 7 cm (each of the 3 bottles)
Inv. no. FS 0990

Danh Võ

We the People (detail), 2011
Cobre
Aquisição, 2013
202 × 300 × 80 cm
Copper
Acquisition, 2013
Inv. no. FS 1859

Danh Võ

Ingots, 2012
Cobre maciço (16 elementos)
Aquisição, 2013
17,5 × 35 × 64 cm
Solid copper (16 elements)
Acquisition, 2013
Inv. no. FS 1862

David Goldblatt

Girl with purse, Joubert Park, Johannesburg (From the 'Particulars' series), 1975–2007
Fotografia p/b
Aquisição, 2010
47 × 46 cm
B/W photography
Acquisition, 2010
Inv. no. FS 1670

David Goldblatt

Woman smoking, Fordsburg, Johannesburg (From the 'Particulars' series), 1975–2007
Fotografia p/b
Aquisição, 2010
47 × 46 cm
B/W photography
Acquisition, 2010
Inv. no. FS 1672

David Goldblatt

Woman dressed for an occasion, Joubert Park, Johannesburg (From the 'Particulars' series), 1975–2007
Fotografia p/b
Aquisição, 2010
47,5 × 46,5 cm
B/W photography
Acquisition, 2010
Inv. no. FS 1676

E. M. de Melo e Castro

Silêncio, maio 1970
Impressão sobre papel
Doação de Isabel Alves, 2023
39,1 × 22 cm
Print on paper
Donation by Isabel Alves, 2023
Inv. no. FS 2530

Fernando Lanhas

S42, 13–14 de novembro, 1973
Papel fotográfico sobre aglomerado de madeira
Depósito, 2005
85 × 85 cm
Photographic paper on chipboard
Deposit, 2005
Inv. no. DA 0190

General Idea

AIDS (Stamps), 1988
Litografia *offset* a cores sobre papel perfurado, ed. 200
Aquisição, 2004
27,9 × 21,5 cm
Colour offset lithograph on perforated paper, ed. 200
Acquisition, 2004
Inv. no. BIB 15433

Gretta Sarfaty

Transformations II, 1977
Óleo sobre papel sobre tela sobre madeira (5 elementos)
Aquisição, 2022
190 × 51,5 cm
Oil on paper on canvas on wood (5 elements)
Acquisition, 2022
Inv. no. FS 2385

Gretta Sarfaty

A Woman's Diary XVIII — Version 2, 1977
Tinta acrílica sobre tela (3 elementos)
Aquisição, 2022
150 × 60 cm
Acrylic paint on canvas (3 elements)
Acquisition, 2022
Inv. no. FS 2386

Guerrilla Girls

Guerrilla Girls Greatest Hits, 1993
Impressão sobre papel
Aquisição, 2009
14 postais de 16 × 12 cm (cada)
Print on paper
Acquisition, 2009
14 postcards, 16 × 12 cm (each)
Inv. no. BIB 22322

James Lee Byars

Please limit all talking to the sound of O, as preview
given by W.W.S. Antwerp to This is Ghost of James
Lee Byars Calling, 1969
Impressão sobre papel, moldura dourada
Aquisição, 2002
34 × 94 cm
Print on paper, golden frame
Acquisition, 2002
Inv. no. FS 1526

João Dixo

15044 de 70, 1972–73
Tinta de *spray*, óleo sobre aglomerado de madeira,
moldura
Depósito, 1990
85,2 × 73 cm
Spray paint, oil on chipboard, frame
Deposit, 1990
Inv. no. SR 0069

John Baldessari

I Am Making Art, 1971
Vídeo, p/b, som, 4:3, 19'14"
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição, 1999
Video, b/w, sound, 4:3, 19'14"
Coll. Fundação de Serralves — Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Acquisition, 1999
Inv. no. FS 0883

Joseph Beuys

Rose für Direkte Demokratie [Rosa pela Democracia
Direta], 1973
Cilindro de vidro graduado, com inscrição
Depósito
33,5 × 5 × 5 cm
Graduated glass cylinder, with inscription
Deposit
Inv. no. T21MO 0003

Lisa Santos Silva

A cabra não é cega, 1976
Fotografia a cores (2 elementos)
Doação de Isabel Alves, 2023
19,8 × 27 cm (cada)
Colour photograph (2 elements)
Donation by Isabel Alves, 2023
19,8 × 27 cm (each)
Inv. no. FS 2524

Maria Helena Vieira da Silva

A poesia está na rua, 1974
Impressão sobre papel
Aquisição, 2024
98 × 60 cm
Print on paper
Acquisition, 2024
Inv. no. BIB 22846

Martha Rosler

Semiotics of the Kitchen, 1975
Vídeo, p/b, som, 4:3, 5'25"
Aquisição, 1999
Video, b/w, sound, 4:3, 5'25"
Acquisition, 1999
Inv. no. FS 0909

Oficina Arara

Boca, 2013
Impressão sobre papel, ed. 103/200
Aquisição, 2004
89,7 × 67 cm
Printing on paper, ed. 103/200
Acquisition, 2004
Inv. no. BIB 32511

Patrícia Garrido

O prazer é todo meu I, 1994
Poliéster, silicone, ferro
Doação da artista, 1997
82 × 55 × 60 cm
Polyester, silicon, iron
Artist's donation, 1997
Inv. no. FS 0256

Patrícia Garrido

O prazer é todo meu II, 1994
Poliéster, silicone, ferro
Aquisição, 1996
67 × 90 × 47 cm
Polyester, silicon, iron
Acquisition, 1996
Inv. no. FS 0256

Patrícia Garrido

O prazer é todo meu III, 1994
Poliéster, silicone, ferro
Aquisição, 1996
52 × 136 × 70 cm
Polyester, silicon, iron
Acquisition, 1996
Inv. no. FS 0256

Sanja Iveković

Novi Zagreb (Ljudi iza prozora) [Nova Zagreb (Pessoas por trás das janelas)], 1979
Fotografia pintada à mão e fotografada posteriormente
Ed. 2/4 + 2 P.A.
Aquisição, 2010
105 × 144,5 cm
Hand-painted photograph, subsequently photographed. Ed. 2/4 + 2 A.P.
Acquisition, 2010
Inv. no. FS 1688

Thomas Schütte

Criminali / 7 Portraits, 1992
Aquarela e lápis sobre papel (7 elementos)
Doação de Vicente Todolí, 1998
66 × 50 cm (cada)
Watercolour and pencil on paper (7 elements)
Donated by Vicente Todolí, 1998
66 × 50 cm (each)
Inv. no. FS 0528

O conjunto de obras que integram a exposição pertence à Coleção da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea e à Coleção de Livros e Edições de Artista da Fundação de Serralves. São igualmente apresentadas obras provenientes das seguintes coleções em depósito na Fundação de Serralves: Coleção Privada e coleção Museu Nacional de Soares dos Reis.

The exhibition includes artworks from the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art Collection and from the Serralves Foundation's Collection of Books and Artists' Editions. Also on display are artworks from the following collections held on loan at the Serralves Foundation: the Private Collection, the Museu Nacional de Soares dos Reis Collection.

LER READ

W. E. B. Du Bois, *The Souls of Black Folk*, Chicago: A. C. McClurg & Co., 1903 (São Paulo: Veneta, 2021)
Jean-Paul Sartre, *L'être et le néant*, Paris: Éditions Gallimard, 1943 (Coimbra: Edições 70, 2021)
Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism*, Nova Iorque: Schocken Books, 1951 (Alfragide: Dom Quixote, 2024)
Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, *Novas cartas portuguesas*, Lisboa: Estúdios Cor, 1972
Audre Lorde, *Sister Outsider*, Berkeley: The Crossing Press, 1984
Antonio Tabucchi, *Sostiene Pereira*, Milão: Feltrinelli, 1994 (Alfragide: Dom Quixote, 2015)
Às artes, cidadãos!, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2011
Angela Davis, *Freedom Is a Constant Struggle*, Chicago: Haymarket Books, 2016 (Lisboa: Antígona, 2020)
Zero em comportamento, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2018
Shahd Wadi, *Corpos na trouxa*, Coimbra: Edições Almedina, 2017
Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2019
What About Activism? (ed. Steven Henry Madoff), Londres: Sternberg Press, 2019

VER SEE

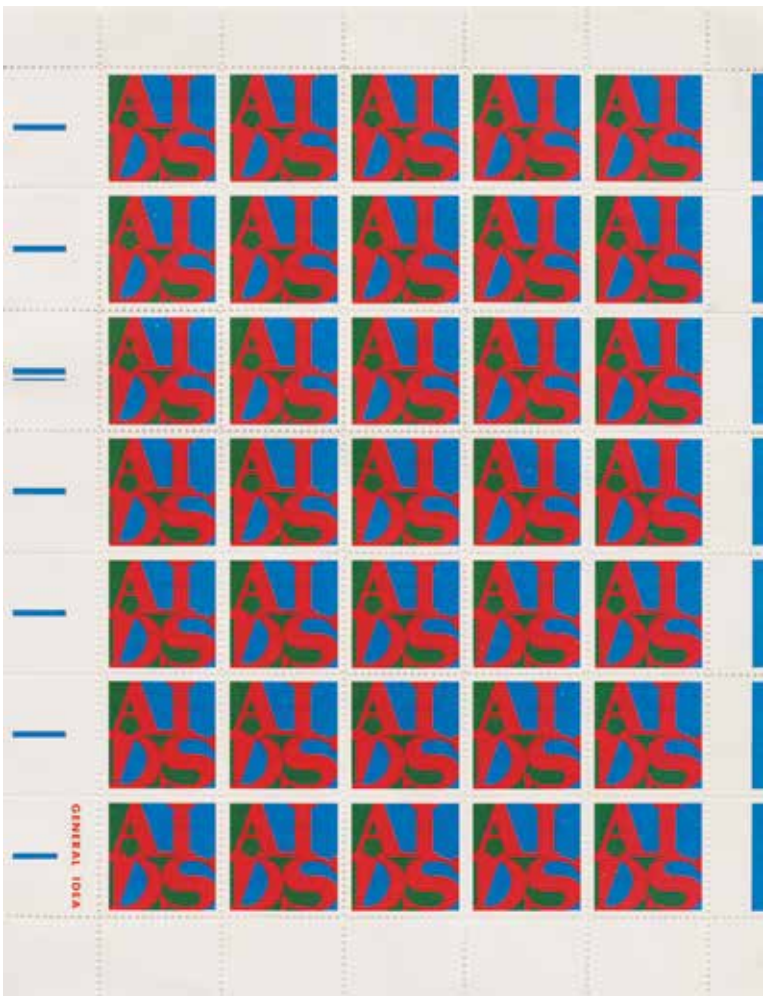
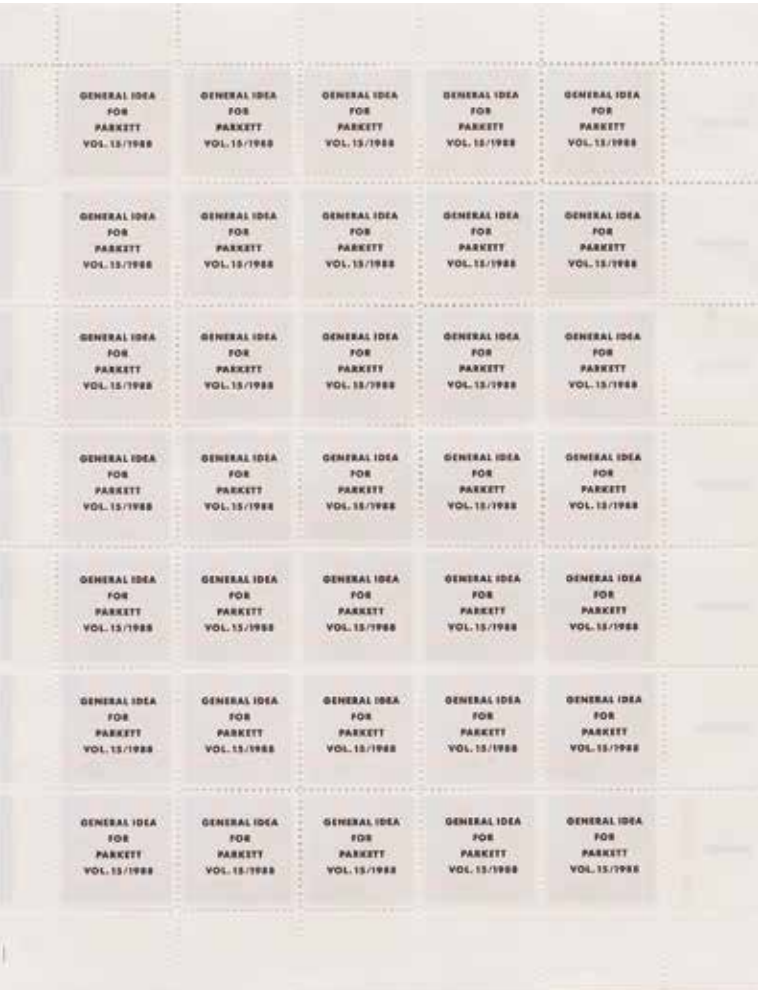
Charlie Chaplin, *The Great Dictator*, 1940
Manoel de Oliveira, *A caça*, 1964
François Truffaut, *Fahrenheit 451*, 1966
Alberto Seixas Santos, *Brandos costumes*, 1975
Julie Dash, *Daughters of the Dust*, 1991
Roberto Benigni, *La vita è bella*, 1997
Wong Kar-Wai, *2046*, 2004
Yorgos Lanthimos, *The Lobster*, 2015
Jordan Peele, *Get Out*, 2017
Catarina Vasconcelos, *A metamorfose dos pássaros*, 2021
Dania Bdeir, *Warsha*, 2022

OUVIR LISTEN

Ludwig van Beethoven, *Sinfonia n.º 9*, 1824
Bella Ciao, c. 1940
Miriam Makeba, *Beware, Verwoerd! (Ndodemnyama)*, 1965
Nina Simone, *I Wish I Knew How It Would Feel to Be Free*, 1967
Caetano Veloso, *É proibido proibir*, 1968
Sheikh Imam, *Ya Falasteeniya*, 1968
Zeca Afonso, *Grândola, Vila Morena*, 1971
Queen, *I Want to Break Free*, 1984
Patti Smith, *People Have the Power*, 1988
Luisa Cunha, *FRYDM!*, 2011
Beyoncé feat. Kendrick Lamar, *Freedom*, 2016



Patrícia Garrido
O prazer é todo meu II, 1994
Poliéster, silicone, ferro
Polyester, silicon, iron



As part of the celebrations marking fifty years of democracy in Portugal, the Serralves Foundation is presenting an exhibition at the Museu Leopoldo de Almeida in Caldas da Rainha, centred on freedom as the driving force behind artistic creation. Originally conceived by Joana Valsassina, the exhibition has now been reconfigured for a new exhibition setting. The exhibition brings together works from the Serralves Collection and invites reflection on the many ways in which artists have explored, questioned and exercised freedom through their practices. It features works by artists who challenge the limits imposed on individual and collective, political and artistic freedom, celebrating acts of emancipation, irreverence and subversion of various forms of control.

The Exercise of Freedom lies at the very origin of artistic practice, running hand in hand with creativity and imagination. In concept, this exhibition could include all kinds of artistic manifestations and therefore, while taking as its theme the celebration of the 50th anniversary of the Carnation Revolution, it is not limited to artistic expressions associated with this important moment in Portuguese history, presenting works from different times, geographies, and disciplines. The works in this exhibition come from very different origins, from Portugal to Vietnam, from Croatia to South Africa and Brazil, and cover more than five decades, from the late 1960s to the present day. Reflecting the disciplinary diversity of contemporary art, the exhibition encompasses the most varied practices, including painting and sculpture, photography and drawing, video

and performance, small objects and large installations, posters and postcards, records of actions and even of dreams.

The title of the exhibition relates to the field of action rather than to a mere reflection on the concept of freedom: it refers to its exercise because freedom should be put into practice, exploring its sinuous contours and questioning the limits imposed upon it. After half a century of freedom, is it possible to forget what it means to live without it?

I. Freedom and its opposite

The exhibition begins precisely with a series of works that evoke the deprivation of freedom. The first section reveals gestures of repression and disobedience. The apparently inoffensive and effectively silent visual poem *Silêncio* [Silence] (1970) by the poet and artist E. M. de Melo e Castro (Covilhã, 1932–São Paulo, 2020) was prohibited by the Portuguese Censorship Office on four different occasions,¹ constituting a remarkable testimony to the revolutionary potential of art.

Ana Hatherly (Porto, 1929 – Lisbon, 2015), another central figure of the Portuguese Experimental Poetry group,² produced dozens

¹ Interview of Ernesto de Sousa with E. M. de Melo e Castro in the context of the exhibition *Concepto incerto* [Uncertain Concept] at the Galeria Buchholz in Lisbon, broadcast in the programme *Encontro* on RTP television channel, on 3 July 1976.

² Avant-garde movement from the early 1960s in Portugal, associated with an international trend of artistic and literary transformation that rose up against the narrative constraints of the literary canon and proposed a free experimentation with the visual, phonetic, spatial and material potentialities of language, as a form of poetic and artistic expression. For more information about the PO.EX movement and its antecedents, see the brochure of the exhibition *As palavras em liberdade: E. M. de Melo e Castro — O artista e a sua coleção*, Fundação de Serralves, 2022.

of drawings from the series to which *Escritor* [Writer] (c. 1972) belongs, at a time of huge ‘disillusionment [and] outrage’ against the established political and cultural system. This series emerges in this context as a ‘necessary representation of a state of prolonged repression’. In the sinuous and illegible lines of one of these drawings, the artist pens her lament:

The words descend over the poet's face like curtains of water that are closed over the poet's horrified face. the poet is inside on the inside or else on the outside. the symbol descends over the discovered face. the face of discovery. i sit down on my small glass box which is the page that isolates me and exposes me. the poet's words appear ascend descend and above all are born. the slowness of the hand is exasperating. i write all this illegibly because i am writing the act of writing the experience of expressing it without expressing. that is attempting this. a thousand writings descend. where do they descend from? they emerge from illegibility. laws on one side laws on the other. all rules to be broken.³

In *A cabra não é cega* (1976), presented at the historic exhibition *Alternativa zero*, organised by Ernesto de Sousa in 1977, Lisa Santos Silva⁴ (Porto, 1949) uses photography to critically address the condition of women

³ Ana Hatherly, ‘Auto-biografia documental’, *Obra Visual 1960–1990*, Calouste Gulbenkian Foundation, Centro de Arte Moderna, 1992, p. 85.

⁴ The photographs are stamped with ‘Lisa Chaves Ferreira’, the name she used at the time. She eventually opted for her maiden name: Maria Elisa Caravana dos Santos Silva.

in a society marked by profound inequalities. In the images, the artist appears blindfolded and with her hand over her mouth, in an explicit allusion to the mechanisms of silencing and exclusion that have limited women's participation in the public sphere. The title of the work introduces a dimension of provocation and resistance, rejecting the idea of passivity associated with women and affirming, on the contrary, an awareness of her own condition. Between restraint and defiance, the work invites reflection on freedom as a process of emancipation and conquest⁵.

Closing the first section of the exhibition, the series of drawings *Criminali / 7 Portraits* (1992) by Thomas Schütte (Oldenburg, Germany, 1954) contains a number of oppositions. Despite being presented by the artist as prison records of criminals, these watercolour drawings are, in fact, portraits of anonymous people that Schütte encountered in the street and drew from memory. Committed to the social role of art and to questioning the conventions that govern it, Schütte invites us to reflect upon the politics of representation, subverting here the traditional function of the portrait as an artistic genre of glorification, reserved only for illustrious and powerful people.

II. Free circulation

The second segment of the exhibition is dedicated to the work of artists who share a clear political commitment and democratic spirit, weaving into their practices pressing issues in the public sphere that condition

⁵ Susana Lourenço Marques, José Luis Neves, and Luís Pinto Nunes (eds.), *Portugal Year Zero: Photography Books of the Revolution*, Porto: Pierrot Le Fou, 2025.

our life in society. This nucleus includes a diverse group of prints and editions in different formats, produced *en masse* and distributed in different circuits, countering the elitist inclination of the art market, and bringing contemporary art practices closer to the daily life of a wider audience.

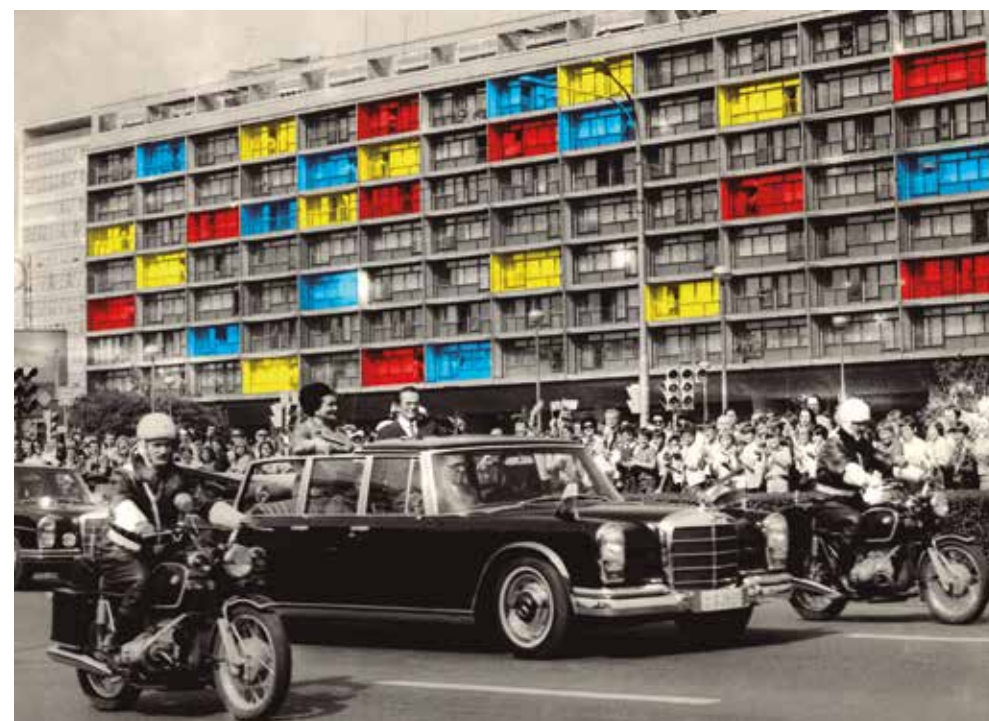
Works of this nature frequently take the form of posters, at times reproducing iconic works by artists such as Maria Helena Vieira da Silva (Lisbon, 1908 – Paris, 1992) whose images and mottos marked the end of the dictatorship in Portugal; at times, deliberately conceived to occupy the streets, appropriating the public space as a place of intervention and resistance, as is the case with the posters produced by Oficina Arara (Porto, Portugal, 2010). Sometimes, these multiples take the form of objects, such as the glass beaker by Joseph Beuys (Krefeld, 1921 – Düsseldorf, 1986), which measures the growth of a rose, a symbolic image of the gradual transformation of society through the creative practice professed by the artist; or the Coca-Cola bottles in which Cildo Meireles (Rio de Janeiro, 1948) recorded subversive messages alluding to the Brazilian military dictatorship and consumer society, which were placed in circulation after being collected and resold by the multinational company. The postcards and stamps created by the collectives Guerrilla Girls (New York, 1985) and General Idea (Toronto, 1967–1994) were also based on the widespread distribution of these formats to convey political messages central to their practices.

On the other hand, the artist Sanja Iveković (Zagreb, 1949) appropriated an image that was

widely disseminated in the official media of the Socialist Republic of Yugoslavia, imprinting onto it a subtle gesture of resistance towards the repressive regime that marked the region for four decades. The artist works over a photograph of President Josip Tito's official visit to Zagreb, in 1979, highlighting a few balconies in the building that appears in the background, where residents can be seen standing, in direct contravention of the security directives issued by the government.

Born in Vietnam in 1975, the artist Danh Võ left the country with his family as a child, fleeing from the war on a boat built by his father, which, although headed to the US, was found by a Danish cargo ship – a chance encounter that led the family to emigrate to Denmark, where they were granted asylum and citizenship. Dividing his time today between Berlin and Mexico City, Võ brings with him a unique perspective on questions of identity, migration and belonging. The exhibition features two works from his most famous series, 'We the People'⁶ (2011), which is based on a life-size replica of the surface of the Statue of Liberty, fragmented and scattered throughout collections all over the world, evoking the fragility of the concept that the iconic monument is intended to personify. In the case of *Ingots* (2012), the artist melts one of the copper fragments into ingots, identical to gold bars, though without their distinctive shine, commenting on the constraints associated with the circulation of art and its dependence on the market and the accumulation of wealth.

⁶ The famous opening words of the preamble to the Constitution of the United States of America.



Sanja Iveković

Novi Zagreb (Ljudi iza prozora) [Nova Zagreb (Pessoas por trás das janelas)], 1979
Fotografia pintada à mão e fotografada posteriormente
Ed. 2/4 + 2 P.A.

Hand-painted photograph, subsequently photographed.
Ed. 2/4 + 2 A.P.

David Goldblatt (Randfontein, 1930 – Johannesburg, 2018), a notable photographer famous for his candid depiction of South African society, produced the series ‘Particulars’ in 1975, during the apartheid regime. Apparently distanced from the brutality of the everyday life of that time, these images focus on details of bodies of different people in public spaces, portraying the positioning of their hands, torso, legs, or feet. Although he initially sought to develop a lyrical body of work, exempt from political implications, the artist quickly understood how the regime of segregation and racial oppression was mirrored in the most natural gestures,⁷ in the way someone holds their wallet or sits on a park bench. In this context of institutionalised racial segregation, the close-up shots of ‘Particulars’ expose the most intimate and the most far-reaching signs of inequality and repression, status and privilege.

III. It is forbidden to forbid
The famous aphorism *Il est interdit d’interdire!*, which first appeared as a playful provocation and rapidly became a maxim of the French protest movement of May 1968, serves as the motto for the third and last section of the exhibition, centred on the work of artists for whom irreverence, humour and imagination are profoundly consequential. With wit and audacity, a self-critical stance and utopian spirit, these artists question the constraints of prevailing social rules and oppose any restrictions that are imposed on artistic creation.

⁷ Interview with David Goldblatt about the series ‘Particulars’, available at: steidl.de.

The works of Greta Sarfaty (Athens, 1947) and Patrícia Garrido (Lisbon, 1963) displayed here celebrate female sexuality and pleasure with daring and humour. Since the 1970s, Sarfaty has been exploring the deformation of the image of her body as a place of transformation, an investigation that is admirably illustrated in the triptych presented in the show. Rejecting the canonical iconography of the female body, perpetually objectified and subjugated by the male gaze, Sarfaty and several artists of her generation claim for themselves the power to represent and use their bodies as a means of artistic expression and as a creative and political agent. Patrícia Garrido’s sculptures, entitled *O prazer é todo meu* [The pleasure is all mine] (1994), are modelled in foam in order to adapt to the artist’s body, being subsequently coated with silicone and polyester in rose tones that lend them their lascivious and carnal appearance. They are intriguing sculptures that appear to have a use, because they are more than ‘negatives of a body’, they are objects of pleasure.

Martha Rosler (New York, 1943) rejects the normative stereotypes imposed on gender identity, subverting the social roles traditionally prescribed to women and men. In her famous film *Semiotics of the Kitchen* (1975), Rosler, an artist from the same generation as Greta Sarfaty, pokes fun at the popular cooking programmes broadcast on television, demonstrating the use of different cooking utensils with violent and bizarre gestures.

The definition of art – its contours, purposes, and limits – has been perpetually debated and challenged, especially by its own creators. Questioning and

reinventing the raw material of art has engaged artists for generations, as is evident in the work of João Dixo (Vila Real, 1941 – Coimbra, 2012). In 1973, the artist presented the exhibition *Pinturas anuladas* at Galeria Alvarez in Porto, a defining moment in his artistic career. On a series of paintings previously exhibited in different contexts – including during his studies at the Escola Superior de Belas-Artes of Porto – Dixo performed a gestural act of annulment, marking them with X-shaped strokes made with silver, black, and red *spray paint*. This was not an act of renouncing his works, but rather a reactivation and recontextualisation of his painting as an object⁸.

This action prompts a re-examination of the artwork and the artist’s role, calling into question the very context of artistic production. Language also emerges as a common medium for gestures of emancipation and provocation, whether in the form of manifestos, poems, aphorisms or directives, as exemplified by the works of Ben Vautier (Naples, 1935), John Baldessari (National City, 1931 – Los Angeles, 2020) and James Lee Byars (Detroit, 1932 – Cairo, 1997), who draw on humour and the absurd to demonstrate that art is, after all, whatever the artist chooses it to be.

However, questioning figures and structures of power also means challenging the artist’s authority as a creative genius. It is precisely by invoking the universe of imagination that *The Exercise of Freedom* comes to an end, with the utopian dream of Fernando Llanhas (Porto, 1923 – 2012) and the cosmic fables of António

Costa Pinheiro (Moura, 1932 – Munich, 2015), following the motto that this visionary artist stamped onto several of his fantastic works: ‘Imagination is our freedom’.⁹

⁸ Paula Pinto, *João Dixo: Exposição cancelada*, Porto: Edições Afrontamento, 2019, p. 125.

⁹ Stamp with the inscription ‘L’imagination est notre liberté’ used by the artist in various works from the series that comprises the artworks presented in this exhibition.

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

Organização
Organisation
Fundação de Serralves – Museu
de Arte Contemporânea, Porto

Direção do Museu
Museum Direction
Philippe Vergne

Direção comercial, marketing
e mecenato
*Commercial, marketing and
development department*
Carina Bastos

Curadoria
Curator
Luís Pinto Nunes

Adaptação de conceito original de
Adapted from original Concept by
Joana Valsassina

Produção e assistência curatorial
*Production and curatorial
assistance*
Carlos Magalhães

Registo
Registrar
Beatriz Rodrigues

Coleção
Collection
Filipe Duarte, Helena Abreu

Biblioteca
Library
Sónia Oliveira, Isabel Koehler,
Daniel Fernandes

Educação Artes
Art Education
Inês Pina, Beatriz Sarmento

PUBLICAÇÃO
PUBLICATION

Conceito
Concept
Luís Pinto Nunes

Coordenação
Coordination
Sílvia Sacadura

Edição
Copy-editing
Rita Almeida Simões

Texto
Text
Joana Valsassina, Luís Pinto
Nunes

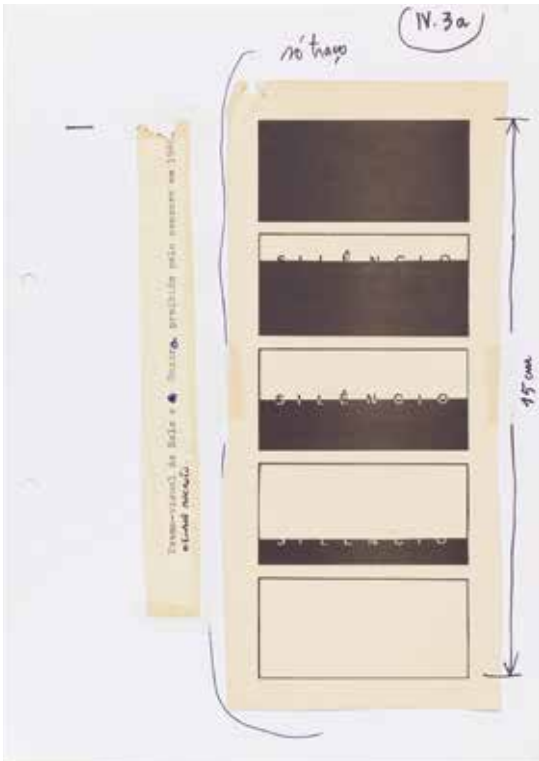
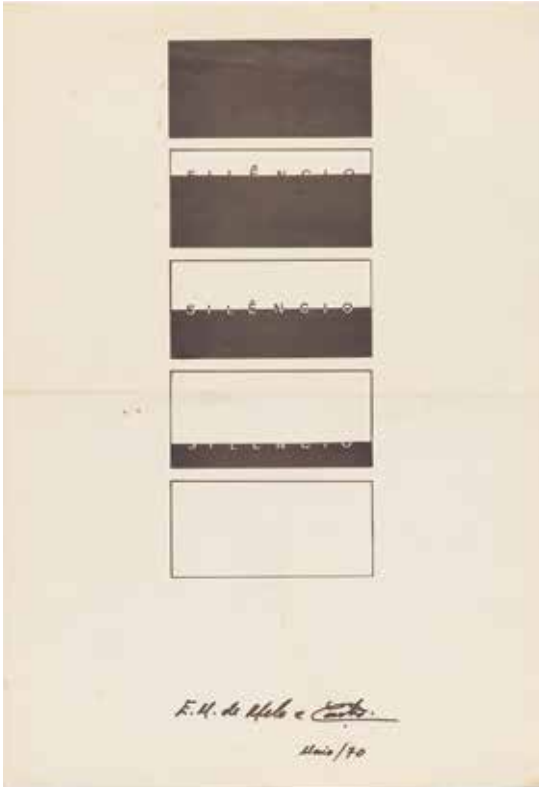
Conceção gráfica
Design
Hugo Sousa

Tradução
Translation
John Elliott

Créditos fotográficos
Photographic credits
© Filipe Braga, Fundação de
Serralves, Porto
© Ursula Zangger, fotografia de
João Dixo

Pré-impressão, impressão e
acabamento
Pre-press, printing and binding
Printgreen

Agradecimentos
Acknowledgements
Ursula Zangger
Rute Dixo
Paula Parente Pinto



E. M. de Melo e Castro
Silêncio, maio 1970
Impressão sobre papel
Print on paper

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível mundial. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma constante atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade, no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

O programa de Itinerâncias da Coleção de Serralves, iniciativa que visa promover a descentralização e a democratização do acesso à cultura, é um dos mais importantes pilares de atuação da Fundação. Planeado em colaboração com as Autarquias Fundadoras de Serralves, este programa abrange todo o território nacional, permitindo o alargamento da rede de acesso e de aproximação das populações fora dos grandes centros urbanos à arte contemporânea.

As exposições concebidas no âmbito deste programa contam com o envolvimento ativo de diversos artistas representados na Coleção e com a apresentação de obras inéditas e de novas aquisições, consolidando laços com a comunidade artística e promovendo a construção e partilha de conhecimento em torno da Coleção. Anualmente são desenvolvidas novas propostas expositivas adaptáveis a diferentes contextos, contemplando exposições individuais e coletivas que cruzam diferentes gerações e práticas artísticas.

Cada exposição é acompanhada por um programa educativo que contempla atividades dirigidas a diferentes públicos, como visitas orientadas, oficinas para famílias e ações de formação para educadores e professores.

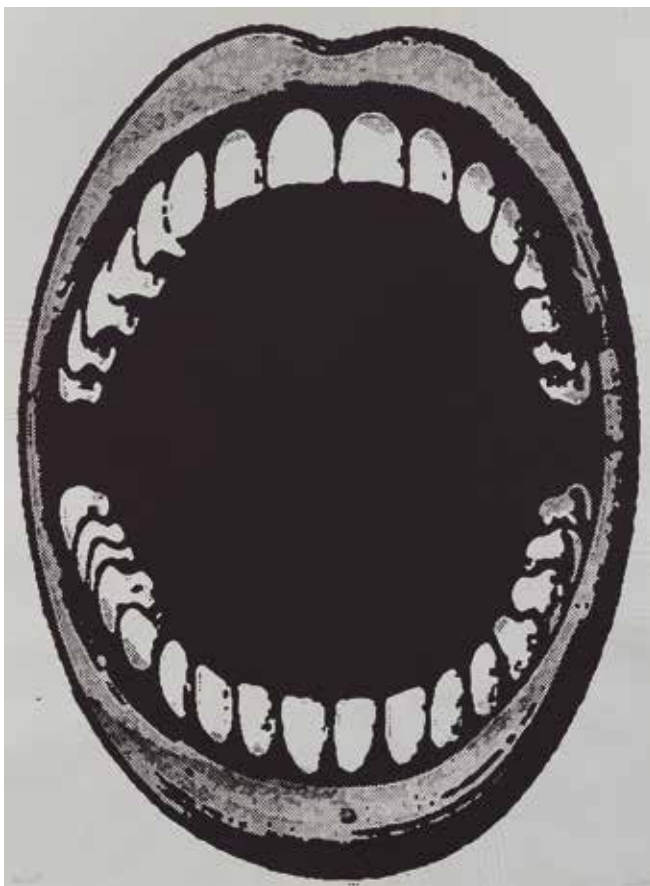
The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection closely follows the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

The Touring Exhibitions Programme of the Serralves Collection, an initiative that aims to promote the decentralisation and democratisation of access to culture, is one of the Foundation's cornerstones. Planned in collaboration with the Serralves Founding Municipal Councils, this programme extends nationwide, bringing contemporary art to communities outside of major urban centres.

The exhibitions conceived for this programme rely on the active involvement of various artists represented in the Collection and on the presentation of new acquisitions and previously unseen works, consolidating ties with the artistic community and promoting the construction and dissemination of knowledge about the Collection. Each year the programme's curatorial team develops new exhibitions adapted to different contexts, including solo and group exhibitions that cross different generations and artistic practices.

Each exhibition is complemented by an educational programme featuring activities aimed at different audiences, such as guided tours, family workshops and training sessions for educators and teachers.



**MUSEU LEOPOLDO DE ALMEIDA – CENTRO DE ARTES |
CALDAS DA RAINHA**

Rua Dr. Ilídio Amado 2500–217 Caldas da Rainha

Contactos

Information

Tel.: +351 262 840 540 | +351 262 240 036

Email: centro.artes@mcr.pt

Horário

Opening Hours

Segunda a sexta

Monday to Friday

9h00–12h30 e *and* 14h00–17h30

Sábado e domingo

Saturday and Sunday

9h00–13h00 e *and* 15h00–18h00

Encerra à terça-feira e feriados

Closed on Tuesdays and public holidays

Oficina Arara

Boca, 2013

Impressão serigráfica sobre papel, ed. 103/200

Silkscreen print on paper, edition 103/200

10 JUL –
11 OUT
2026

MUSEU
LEOPOLDO
DE ALMEIDA
– CENTRO DE
ARTES | CALDAS
DA RAINHA

SERRAVES

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



rpac
Rede Portuguesa
de Arte Contemporânea

